

(Transcrição)

Berna, 4 de setembro de 2004

Chiara no encontro do Movimento Político pela Unidade na Suíça:

A fraternidade na política: utopia ou necessidade?

(...)

Senhor Daniel Höchli: Falo em alemão. O meu nome é Daniel Höchli e trabalho na administração federal.

Senhora Lubich, desejo agradecer-lhe pelas suas palavras, que nos encorajaram, e gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre um assunto particular. (...) Acho que o seu Movimento trabalha pela unidade e a fraternidade, e encoraja também os políticos a fazerem o mesmo. (...)

A política, porém, muitas vezes é um palco de confronto. A minha pergunta é a seguinte: que estratégia nos aconselha para orientar a ação política cotidiana, sem separá-la do elemento espiritual? (...)

Chiara: Em primeiro lugar, tenho que dizer isso (...). A fraternidade se realiza somente com um amor especial. É um amor dirigido a todos, tal como Deus Pai faz, pois manda a chuva e o sol para os maus e para os bons. Não é um amor dirigido somente aos parentes, aos amigos, a algumas pessoas, mas é dirigido a todos. E isso já é exigente. Se saíssemos desta sala com o único propósito de amar todas as pessoas que encontrarmos, possivelmente, se formos cristãos, vendo Cristo nelas, porque ele dirá: «A mim o fizestes», «a mim o fizestes», a meu ver já teríamos obtido muito, pois partiria daí a revolução cristã.

Este amor, necessário para a fraternidade, não é tolerância, mas é também tolerante, não é solidariedade, mas é também solidário. É algo diferente, pois é o mesmo amor de Deus (como nós, cristãos, dizemos) difundido no nosso coração pelo Espírito Santo. É um amor que toma a iniciativa. Não espera ser amado. Ele toma a iniciativa e é o primeiro a amar. Ele se interessa pelas pessoas, quando... Naturalmente, não devemos turbá-las. É um amor que toma a iniciativa. Não espera ser amado. Em geral, esperamos sempre ser amados para poder amar. Ao invés, esse amor nos leva a sermos os primeiros a amar. Por isso provoca uma revolução. O nosso Movimento é fruto de um carisma de Deus e não é obra nossa. Por isso ele chegou aos últimos confins da Terra. Se partirmos daqui, pensando em amar a todos e em tomar sempre a iniciativa no amor, sem esperar... Já vivemos o Evangelho! Entendem o que é o Evangelho? É isso!

Esse amor não é sentimental, não é um amor platônico, não é um amor superficial. É um amor concreto. Ele se faz um com a pessoa amada: se ela está doente, se sente doente com ela; se está alegre, se alegra com ela; se tem uma conquista, é uma conquista também sua. Como diz São Paulo: «Fazer-se tudo a todos», fazer-se pobre, doente com os outros. Partilhar: o amor é assim; ele é concreto.

Portanto, é um amor voltado para todos, que é o primeiro a entrar em ação. É um amor que deve ser concreto.

Além disso, leva-nos a amar os outros como a nós mesmos. Assim nos diz o Evangelho. A minha companheira, Eli, está nesta sala. Ela, para mim, é como se fosse eu mesma, pois devo amá-la como a mim, Chiara. Eu devo amar Clara como a mim mesma. Esta senhora também; eu devo amá-la como a mim mesma, pois é o que o Evangelho pede.

Também isso é incrível: quem já viu alguém amar o outro como a si mesmo e, de certo modo, quase se transferir nele para amá-lo?

Se este amor for vivido por muitas pessoas, torna-se recíproco, pois eu amo Marius. Marius me ama. Eu amo Clara. Clara me ama. O amor recíproco é a pérola do Evangelho. Jesus disse: «Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei». Ele disse que este mandamento é seu e é novo. Ele sintetiza o Evangelho. É a base da fraternidade. O que podemos fazer para sermos irmãos uns dos outros a não ser amar e amar-nos como Ele nos amou, a ponto de dar a vida por nós?

É preciso considerar tudo isso.

Considerando como é este amor... Respondo ao senhor que me fez a pergunta. Como deve ser, então, o nosso relacionamento com as pessoas? Deve ter a forma do diálogo. Eu devo ver no outro alguém com quem eu devo dialogar. Para dialogar, devo conhecê-lo. Então, devo entrar nele. Não devo impor nada, mas tentar compreendê-lo. Deixar que ele se exprima. Por exemplo, essa pessoa pode ser de outra religião: eu não devo impor o cristianismo. Devo tentar compreendê-la. Um bispo famoso disse que é preciso entrar na pele do outro. Saber por que ele é hindu, budista. Também entre nós: temos que entrar no outro, deixar que o outro se abra, deixar que o outro fale e que sinta o vazio em nós, a capacidade de compreendê-lo. A nossa experiência é que o outro, assim, se sente amado. Por isso, espera com abertura o nosso discurso.

O papa diz uma frase muito bela para o diálogo. Então, é preciso apresentar a nossa verdade, aquela que nós pensamos, mas que seja "um respeitoso anúncio", isto é, um anúncio que respeita o pensamento do outro, que não quer angariar prosélitos, que não quer atacar ninguém.

Este é o diálogo que deve ser feito, senhor... É a base da nossa vida, da fraternidade universal.
(aplausos)